

REFLEXÕES SOBRE INTERSUBJETIVIDADE NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA EM SEU CARÁTER TRANSCENDENTE

Uberlândia – Minas Gerais – maio de 2010

Ruben de Oliveira Nascimento – Universidade Federal de Uberlândia –
rubenufu@gmail.com

Pesquisa e Avaliação
Educação Universitária
Relatório de Pesquisa
Investigação Científica

RESUMO

Nesse trabalho mostramos resultados parciais de uma pesquisa bibliográfica em andamento que visa compreender os efeitos da intersubjetividade nos processos de interatividade e de construção de conhecimentos na educação a distância. Nesse relato, apresentamos considerações ainda iniciais, mas que acreditamos já poderem contribuir com as discussões da temática que apontamos. Como centro de nossas reflexões, adotamos a perspectiva psicossocial que Berger e Luckmann fazem de interação, no que concerne à linguagem como um de seus sistemas de sinais, e que lhe configura uma característica de transcendência, à qual estendemos ao campo da educação a distância e dos processos de interação que nesse contexto educacional se intenta promover.

PALAVRAS-CHAVE: Educação a Distância, Interatividade, Intersubjetividade, Transcendência.

1. Introdução

Lévy [1] afirma que “em nossas interações com as coisas, desenvolvemos competências. Por meio de nossas relações com os signos e com a informação adquirimos conhecimentos. Em relação com os outros, mediante iniciação e transmissão, fazemos viver o saber” (p. 27). Em outra obra Lévy [2] coloca que “jamais pensamos sozinhos, mas sempre na corrente de um diálogo ou de um multidialogo, real ou imaginado” (p. 97). A experiência com o mundo e com o conhecimento passa pela interação com coisas, signos

e pessoas, de um modo em que o pensamento é tessitura de diálogos, pelos quais pulsam saberes e fluem interações. Não pensamos sozinhos também porque nossas palavras ecoam outros enunciados ou discursos já internalizados ou compartilhados socialmente e que afetam nossas relações interpessoais e nossa percepção da realidade. Fazemos pulsar o saber porque também o compartilhamos intersubjetivamente (por isso pulsa).

Essas questões são importantes no âmbito da educação à distância, e mais prementes ainda em cursos totalmente *online*, porque são contextos educacionais que dependem da comunicação e de suas regulações para fazer acontecer a mediação didático-pedagógica que ela necessita. Como comenta Fiorentini [3], ao dizer que:

A comunicação circula por meio de uma linguagem reguladora que atua tanto sobre o que o autor/professor ensina e na forma como o faz, como também sobre a aprendizagem do leitor/aluno e na forma como a realiza. Nas relações sociais entre professores e alunos, dá-se uma síntese dialética entre a linguagem do educador e a linguagem do educando, como momentos de um processo comunicativo e educativo, num contexto socioculturalmente dado, cuja compreensão requer considerar sua natureza intersubjetiva, a participação ativa e a influência decorrente da competência comunicativa de seus participantes. (p. 15)

Nessas considerações, queremos frisar que no aspecto semântico da palavra, na comunicação, se movimentam subjetividades em diálogos pelos quais frui o pensamento e se elabora o conhecimento, e esse aspecto na educação a distância ganha importância pedagógica e psicológica.

Esse trabalho mostra resultados parciais de uma pesquisa bibliográfica em andamento, com autores da sociologia, da educação e da educação a distância, sobre as possibilidades da presença da intersubjetividade em cursos a distância, em seu processo ensino-aprendizagem. Apresentamos considerações ainda iniciais, oriundas de uma bibliografia por enquanto limitada, mas que acreditamos já poderem contribuir com as discussões da temática que acentuamos ou ao menos estimular seu debate.

Para tanto, tomamos como centro de nossas reflexões a perspectiva psicossocial que Berger e Luckmann [4] fazem de interação, no que concerne à linguagem como um de seus sistemas de sinais, e que lhe configura uma

característica de transcendência, que em nosso trabalho estendemos ao campo da educação a distância.

As reflexões que apresentamos não visam esgotar tão complexo assunto, ou ainda abordar tecnicamente a interatividade no ensino a distância (que demandaria um trabalho mais extenso que este), mas contribuir com o estudo da intersubjetividade no que ela contém de índices de expressão e auxílio à mediação pedagógica em ambientes virtuais de aprendizagem ou aos processos de ensino e tutoria pensados para esse meio educacional.

2 – A Natureza da Intersubjetividade

A intersubjetividade é um importante fator de compreensão compartilhada da realidade, com base em significados. O conhecimento regula a realidade por meio de significados e conceitos, e a intersubjetividade faz, então, parte da construção desse conhecimento. Seu estudo é necessário no meio educacional por motivos como este, que estão ligados aos processos de socialização, de integração e formação de sujeitos e de apreensão do conhecimento formal. O mesmo raciocínio vale para o contexto da educação a distância.

Segundo Berger e Luckmann, a intersubjetividade inclui índices de comunicação pelos quais a subjetividade pode ser expressa de um indivíduo para o outro, causando afetação intelectual e emocional (comportamental) entre os mesmos, promovendo um conhecimento sobre a realidade social. De acordo com esses autores, no meio presencial, os índices de comunicação face a face são variados e carregados de muitas possibilidades de expressão, contribuindo para um processo intersubjetivo diversificado em sua expressividade e sincrônico em sua operação. No âmbito da educação a distância, como mostra Johnson [5], Barros [6] e Corrêa [7] os índices de comunicação acontecem por uma interatividade própria que ocorre em tempo e espaço diversificado, de maneira sócio-cultural, e que inclui diferentes meios tecnológicos de comunicação, de apresentação de conteúdos, de acompanhamento, supervisão e tutoria do aprendizado, etc, assim como da interatividade informacional via programas de softwares que fazem a mediação entre o sujeito/computador/sujeito.

Com base nos autores já citados, entendemos que a virtualidade da educação a distância compreende uma interatividade típica de meio virtual, e por isso possuindo uma diferença de grau em relação à interação presencial (produzida face a face), pensando-se na forma como Berger e Luckmann a configuram. Mas mesmo assim, a interatividade em meio virtual mantém a função pragmática que a relação face a face dispõem, e todo potencial de intersubjetividade que pode veicular. Esse aspecto é importante, porque defendemos que a aprendizagem a distância não prescinde de trocas subjetivas sobre determinado conteúdo, porque conceitos e premissas teóricas são enunciados que fazem pulsar também a produção de sentido e as disposições afetivas dos sujeitos em suas ações sobre os objetos de conhecimento. Contudo, é necessário frisar que os conteúdos que os índices de comunicação intentam mostrar não estão desprendidos das condições externas de sua produção.

Essa questão é importante para cursos à distância porque as condições de produção da linguagem que perpassa os processos interativos são inerentes à cultura digital que lhe dá vida. Nesses cursos isso se torna importante na medida em que as mediações didático-pedagógicas empregadas nesse meio com suporte tecnológico estão imbricadas na sua cultura organizacional, assim como as expectativas de desempenho dos sujeitos educacionais que essa instituição abraça. Na interação entre esses sujeitos educacionais, nesse meio, essas expectativas ativam mecanismos subjetivos, porque os sujeitos, psicologicamente, assimilam aspectos da cultura organizacional na qual precisam atuar. O processo de aprendizagem não está à margem disso.

Esse aspecto torna o estudo da intersubjetividade associada aos processos ensino-aprendizagem nos ambientes da educação a distância um tema muito rico, que não tem nada a dever aos processos face a face no meio educacional presencial. Mas, é preciso compreender os índices próprios de comunicação, de interação em meio virtual, de intersubjetividade que eles abrigam, e então utilizá-los de maneira eficiente no processo ensino-aprendizagem. Isso porque, como mostra Gasparin [8] a aprendizagem não é um acontecimento linear, mas dialético, afetivo, intersubjetivo, povoado de

produção de sentido, de confronto de opiniões e de idéias, de superação de formas anteriores de conhecimento.

A educação a distância possui uma virtualidade capaz de apresentar as pessoas umas às outras em sua expressividade e intenção subjetiva, nas situações de aprendizagem que promove. Em programas que primam por aprendizagem cooperativa ou colaborativa, onde é importante não somente o tratamento interativo de conceitos e conteúdos científicos, mas também toda a expressão cognitiva/afetiva que professores/tutores e alunos podem apresentar entre si no tratamento e elaboração dos mesmos, nos diálogos, nas réplicas, nas tonalidades das palavras, nos enunciados limitados pela linguagem reguladora, etc que eles suscitam. Nesse processo, é preciso considerar que a intersubjetividade é um dos principais elementos que, pelos signos, os sujeitos educacionais à distância elaboram conhecimento e se fazem conhecer, e por essa interatividade fazem viver o saber.

Por exemplo, Lévy [9] e Fiorentini e Moraes [10], mostram que na produção de textos ou hipertextos, de vídeos, etc, está posta interatividade na medida em que esses recursos não são desprovidos de produção de sentido, porque interferem na maneira de aprender, de pensar, de solucionar problemas. No caso do Hipertexto esses autores mostram que os sujeitos podem criar novas conexões, modificando inclusive o texto. Incentivar essas formas de aprendizagem é também lidar com aspectos intersubjetivos que elas contêm, e mobilizar o encontro expressivo entre as pessoas face ao conhecimento e ao que dizem umas às outras no processo ensino-aprendizagem à distância.

Compreender a intersubjetividade que ocorre nos ambientes virtuais de aprendizagem não é apenas uma questão relativa à dimensão afetiva, que entendemos ser um tipo específico de estudos dentro do universo comunicacional da educação à distância, mas às formas de apropriação do saber que a cultura digital e seus signos (ou suas mediações) configura nas formas de relação que estabelece entre os sujeitos educacionais que forma. Essa particularidade é muito importante para se verificar e compreender, na identidade e no território lingüístico de cursos à distância, o amplo alcance da interatividade que nesse espaço as pessoas produzem entre si e com o conhecimento compartilhado.

Para contribuir com essa discussão sobre uma melhor compreensão dos índices possivelmente praticados na interatividade em cursos à distância, apresentaremos a seguir uma análise teórica da intersubjetividade com foco na produção de sinais, que entendemos ser passível de relação com interação em cursos à distância. Segundo Belloni [11] saber mediatizar sujeito e conhecimento é um dos grandes desafios pedagógicos da educação à distância, e saber mediar pedagogicamente é escolher o meio comunicacional adequado para tratar determinado assunto ou conteúdo.

3 - Intersubjetividade e caráter transcendente da linguagem

Segundo Berger e Luckmann, a construção social da realidade na vida cotidiana se dá essencialmente na relação face a face. Esses autores afirmam que a situação de comunicação face a face tem grande capacidade de reciprocidade, porque há sincronicidade sensível entre intenções subjetivas de um e de outro sujeito na conversação, na interação. Numa relação face a face, índices de comunicação garantem uma gama de expressividades que, em conjunto, compõem uma série de indicativos que ajudam na interpretação dos sinais que os indivíduos emitem uns para os outros, e no entendimento da intenção subjetiva que está sendo expressa em forma de linguagem.

Berger e Luckmann conceituam *índice* (importante componente da interação face a face) como sendo expressão de estados subjetivos. Para esses autores, existem dois tipos de índice: físicos e de objetos. Exemplos de índices físicos são: fisionomia, postura geral do corpo, movimentos específicos dos braços e dos pés, etc., e que estão ao alcance dos olhos numa situação face a face, permitindo assim acesso à subjetividade do outro. Para esses autores, objetos podem se tornar índice na medida em que representam uma intenção subjetiva, porque são “ao mesmo tempo um produto humano e uma objetivação da subjetividade humana” (pg. 54).

Nessa obra de Berger e Luckmann queremos destacar a noção de *objetivação da subjetividade* que pode ser explicitada também na forma de índice. Esses autores comentam que “a realidade da vida cotidiana não é cheia unicamente de objetivações; é somente possível por causa delas” (p. 54), e um tipo especial de objetivação é a *significação*, que por sua vez está **na produção humana de sinais**. Essa questão é fundamental para as discussões

que levantamos nesse trabalho, porque interatividade em EAD passa pelos signos, ou, pela produção de sinais de comunicação.

Esses autores assinalam que, para entender a intenção subjetiva de outra pessoa, colocada na forma de sinais, é preciso compartilhar com ela o mesmo significado, porque pode haver diferença entre o uso instrumental e o uso significativo de determinadas objetivações. Os sinais agrupam-se em certo número de sistemas que podem incluir objetivações também acessíveis para além das intenções subjetivas expressadas no “aqui e agora”. Esse aspecto é importante porque, de acordo com Berger e Luckmann, os sinais contêm intenções subjetivas acessíveis com ou sem a presença mediatizadora do corpo, o que chamam de *desprendimento do sinal*, que pode variar de grau de uma situação para outra, ou seja, “a linguagem tem origem na situação face a face, mas pode ser facilmente destacada desta” (Berger e Luckmann, p. 57). Esses autores afirmam que quando a linguagem se destaca da situação face a face, mantém sua capacidade de cristalizar e conservar as subjetividades, e ainda seu caráter pragmático. A essa capacidade da linguagem esses autores dão o nome de *transcendência*, que permite tornar presente objetos ou sinais que estão espacial, temporal e socialmente ausentes do “aqui e agora”.

A *transcendência* é garantida pelo símbolo, de modo que essa é a maneira pela qual se realiza a *transcendência*, fazendo com que se alcance o máximo de desprendimento do “aqui e agora” da vida cotidiana. Isso é possível, segundo Berger e Luckmann, porque a linguagem é capaz de objetivações,

isto é, manifestar-se em produtos de atividade humana que estão ao dispor tanto dos produtores quanto dos outros homens, como elementos que são de um mundo comum. Estas objetivações servem de índices mais ou menos duráveis dos processos subjetivos de seus produtores, permitindo que se entendam além da situação face a face em que podem ser diretamente apreendidas. (Berger e Luckmann, p. 53)

As pessoas podem, desse modo, objetivar em linguagem, em signos, suas subjetividades, tomando índices que permitam que conteúdos com intenções subjetivas sejam estendidos para outras pessoas, para além de uma situação “aqui e agora”, portanto, temporal e espacialmente diverso. As pessoas podem apreender significados, independente da presença

mediatizadora do corpo, em outro momento, em outro espaço. A linguagem é o território da interatividade nesses termos.

Essa concepção nos ajuda a entender que é possível produzir interação sem a mediação do corpo (índices físicos) observada diretamente como numa situação face a face. Isso é importante na medida em que posso transmitir intenções subjetivas sem a necessidade de índices físicos para me fazer entender ao outro. Portanto, no mundo virtual, posso transmitir pensamentos, idéias e estado afetivo sobre determinado tema, com poder pragmático suficiente para me fazer entender ao outro minhas intenções subjetivas a respeito, ou meu entendimento de um assunto; e essas intenções darem certa tonalidade aos processos comunicativos promovidos em situações de aprendizagem coletiva, sobre o debate de um determinado conteúdo. A palavra, portanto, consegue realizar essa função. Isso pode ser importante em termos de supervisão do tutor diante dos enunciados, diálogos ou considerações dos alunos em situações de aprendizagem ou construção coletiva de uma tarefa proposta. Isso reflete o que afirma Johnson quando coloca que a tecnologia realiza a vontade histórica do homem de usar a comunicação como uma extensão de si mesmo.

Aprendemos a interagir ou nos relacionar com os índices próprios da situação de interação social em que nos encontramos. A construção ou assimilação de conhecimentos e o entendimento mútuo em cursos à distância (especialmente aqueles totalmente *online*), fluem por índices de comunicação próprios do meio virtual, nas atividades promovidas dentro da cultura organizacional que a educação à distância estabelece. Esse aspecto, como aponta Lévy, toca na construção de conhecimento e no fazer pulsar o saber, que não é um acontecimento solitário.

Assim, as relações estabelecidas na educação à distância variam de grau daquelas experimentadas face a face, mas não perde seu caráter pragmático, sua capacidade de objetivar subjetividades, e de impactar psicológica e pedagogicamente os sujeitos em interação. O processo ensino-aprendizagem *online* tem essa extensão e propriedade que o caráter *transcendente* da linguagem oferece a esse meio, juntamente com atributos semânticos que lhe acompanham, dando-lhe, justamente, uma riqueza da qual deve se valer.

4- Comentários Finais

A característica transcendente da educação a distância deve ser vista com cuidados. Brum e Mendes [12] comentam que deficiências em nível de recursos e ferramentas de comunicação entre os sujeitos, na estrutura dos programas de EAD, podem impedir ou inibir o desenvolvimento da autonomia intelectual do aluno. Almeida [13] também coloca que “cada recurso mediático empregado na educação a distância contém características estruturais específicas e níveis de diálogos possíveis de acordo com a própria mídia, os quais interferem no nível da distância transacional” (p. 8). Moore e Kearsley [14] também assinalam que programas de educação à distância podem variar no “grau de autonomia que os alunos podem ter, ou que lhes seja permitido exercitar” (p. 245).

A educação a distância, em seus ambientes virtuais, precisa ser pensada (compreendida) a partir de suas próprias características digitais e comunicacionais, de seus limites e formas de expressão da subjetividade, no processo ensino-aprendizagem que promove, reconhecendo que sua característica *transcendente* é um significativo valor agregado, ou atributo próprio que lhe confere potencialidades e riquezas comunicacionais que afetam a construção de conhecimento. Em meio virtual ou digital, a intersubjetividade, em seu aspecto transcendente, está diretamente ligada à aprendizagem e aos recursos de comunicação empregados em cursos a distância para esse fim. Conhecer os detalhes psicológicos e pedagógicos da interatividade, no que ela contém de intersubjetividade, fortalece não somente o estar junto social que a tecnologia desse meio educacional favorece, mas também a noção de aprendizagem como dialética e interpessoalmente constituída no processo educativo. Esses fatores nos parecem importantes para a formação de professores/tutores em educação a distância.

Referências:

[1] LÉVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva:** para uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1998.

[2] LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência:** o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

- [3] FIORENTINI, Leda Maria Rangel. A perspectiva dialógica nos textos educativos escritos. In: FIORENTINI, Leda Maria Rangel; MORAES, Raquel de Almeida (orgs.). **Linguagens e Interatividade na Educação a Distância**. 1 reimpr. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 15-49.
- [4] BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. 24 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- [5] JOHNSON, Steven. **Cultura da Interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.
- [6] BARROS, Nelci Moreira. **Aprendizagem a Distância: do rádio ilustrado à realidade virtual aumentada**. Florianópolis: Insular, 2007.
- [7] CORREA, Juliane (org.). **Educação a Distância: orientações metodológicas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007.
- [8] GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. 5 ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.
- [9] LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** 3 reimpr. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.
- [10] FIORENTINI, Leda Maria Rangel; MORAES, Raquel de Almeida (orgs.). **Linguagens e Interatividade na Educação a Distância**. 1 reimpr. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- [11] BELLONI, Maria Luiza. **Educação a Distância**. 4 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.
- [12] BRUM, Susana Mayer; MENDES, Tania Scuro. **Construção da Autonomia Intelectual de Alunos de Curso Normal Superior na Forma de EaD: um enfoque piagetiano**. Anais da 28ª Reunião Anual da Anped, GT 16 – Educação e Comunicação, Caxambu, MG, 2005. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/28/inicio.htm>. Acesso em 17/03/2010.
- [13] ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. **Educação a Distância na Internet: aprendizagem e contribuições nos ambientes digitais de aprendizagem**. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 327-340, jul./dez. de 2003. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=29829210&iCveNum=1126>. Acesso em 15/03/2010.
- [14] MOORE, Michael; KEARSLEY, Greg. **Educação a Distância: uma visão integrada**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.